

# A fé que agrada a Deus

ELMA ENEIDA BASSAN MENDES  
ESPECIAL PARA VIDA&ARTE

O apóstolo Paulo definiu a palavra fé como “a certeza daquilo que esperamos, a prova das coisas que não vemos”. Henrique Prata, 67 anos, é exemplo da fé descrita pelo apóstolo. Seu ânimo não é dobre, não esmorece. É fé robusta a do presidente da Fundação Pio II, mantenedora do Hospital de Amor, atual nome do Hospital de Câncer de Barretos, oásis de excelência no tratamento gratuito e humanizado a pacientes de todo o Brasil. Seu coração precisa ser firme em crer, pois sob seu comando estão 380 médicos e 5.300 funcionários nas unidades hospitalares gerenciadas pelo Hospital de Amor por todo o País. Há 32 anos, desde que assumiu a administração, a fé de Henrique é testada todos os dias e com excelentes resultados. Somente em 2019 foram 1.047.440 atendimentos realizados a 224.883 pacientes vindos de 2.335 municípios de todos os estados. E mais 24.351 internações, 252.544 quimioterapias, 9.500 refeições servidas por dia, 100% de forma gratuita. A pandemia do novo coronavírus não o abalou. Menos ainda faz trinco na sua fé um déficit operacional que gira em torno de R\$ 29,5 milhões ao mês. “Não perco o sono, dinheiro é insignificante, ele aparece na hora que tem que aparecer”, diz o fazendeiro e peão de boiadeiro convertido a amar ao próximo. Henrique sabe que o seu trabalho e a estirpe da sua fé agradam em cheio ao coração de Deus. Tanto que ele vive o que Davi escreveu no Salmo 127: “aos seus amados, Deus dá o sustento enquanto dormem”.

**V&A – Como a pandemia afetou o atendimento e o equilíbrio financeiro das unidades do Hospital de Amor?**

**Henrique Prata** - A pandemia pegou todo mundo desprevenido. Nós tínhamos um programa de agendamento, uma fila de espera no câncer e, de repente, precisamos cancelar as cirurgias eletivas. Foi uma surpresa, mas nossa prioridade foi atender a Covid-19 e os cuidados para proteger pacientes, familiares e os nossos funcionários. Nós mobilizamos um hospital específico para a Covid-19, e isso fez toda a diferença. Também instalamos gripários (locais onde pacientes com suspeita da Covid-19 são atendidos). Com isso eliminamos as chances de trazer o vírus para dentro dos hospitais, e continuamos com 80 por cento de ocupação durante a pandemia. As cirurgias foram as que mais sofreram com os cancelamentos. Radioterapia e quimioterapia não sofreram tanto. Foi uma surpresa e precisamos aprender com ela, estamos aprendendo, ainda não temos nenhuma regra definida para lidar com tudo isso.

